

Crab X Itá

O Movimento dos Atingidos por Barragens (CRAB) realizou um ato público dia 30 de julho em Itá exigindo que qualquer processo relativo às conclusões da Usina, como o consórcio em andamento, seja suspenso afim de poder ser examinado pelo próximo governo.

Direto na privatização

Uma portaria da Presidência da República autorizou esta semana o uso de títulos da dívida externa nos leilões de privatização. Ao mesmo tempo foi marcado o dia do leilão da Escelsa: será 26 de setembro, com valor mínimo de venda estabelecido em R\$ 416 milhões.

Água cara

Desde a privatização dos sistema de abastecimento de água na Grã-Bretanha, há cinco anos, o preço da tarifa subiu em média 70%. Agora o governo britânico decidiu limitar em 1% acima da inflação anual o aumento no preço das tarifas. A população protesta.

Oficina de poesia

Ainda estão abertas as inscrições para a Oficina de Poesia que o Sinergia está promovendo com o poeta, dramaturgo e editor Fábio Brüggmann. A oficina, que aborda os aspectos teóricos e práticos do fazer poético, inicia nesta segunda-feira (08/08) e vai até 12/08, das 18 horas às 22 horas. Maiores informações e inscrição no sindicato, fone 22-38-66. Sócios do Sinergia pagam R\$ 4,00 e não-sócios R\$ 16,00.

Encontro de cultura

Acontece hoje, 04 de agosto, às 18h 30min, no auditório do Sinergia o 3º Encontro de Produtores Culturais da Celesc e Eletrosul. No encontro será encaminhado um plano de ação das atividades culturais do sindicato para o 2º semestre de 94 e debatido o texto "Sindicato e Cultura". Os produtores culturais e interessados na área cultural estão especialmente convidados.

LINHA VIVA

N 280
04/08/94

Assembléia estadual

É sábado, em Joinville! É lá que a assembléia estadual dos trabalhadores da Celesc que vai unificar a pauta de reivindicações para a campanha 94/95. O ponto central da campanha deste ano vai ser a garantia de emprego e a luta contra a privatização das estatais.

Os sindicatos da Intercel prevêem que, diante das restrições impostas pelo Plano FHC, a campanha irá exigir muita articulação sindical, grande capacidade de argumentação por parte dos dirigentes sindicais e muita disposição de luta por parte da categoria.

João Paulo de Souza, secretário-geral do Sinergia, acredita que a pauta deva se concentrar em itens fundamentais, porque a tendência do governo será de "conceder perfumarias, em detrimento das questões fundamentais como salário, garantia de emprego e manutenção de direitos adquiridos".

A impressão que João Paulo tem é que se "desde o primeiro momento não houver engajamento da categoria, forçando a empresa a ceder nos pontos principais, sairemos desta campanha acumulando perdas irreversíveis. Temos que fazer como em 1990, com o Plano Collor, quando os eletricitários conseguiram integrar aos salários os índices inflacionários que outras categorias não conseguiram obter".



Confirmando esta previsão, o presidente do Sindicato do Norte de Santa Catarina, Jair Fonseca, diz que "a participação dos trabalhadores na discussão da pauta será o ponto de partida para o sucesso da campanha".

A assembléia começa, em segunda convocação, às 10 horas deste sábado, na Sociedade Ginástica de Joinville, que fica no centro da cidade. Todos os sindicatos da Intercel estão colocando ônibus à disposição dos interessados em participar da plenária. Depois do encontro todo mundo participa de um almoço de congratamento.

A saída dos ônibus para Joinville será definida em cada sindicato. Inscreva-se!

Aumento de mensalidade

Será discutido na assembléia estadual dos empregados da Celesc, em Joinville, o aumento de 0,5% da mensalidade dos sindicatos nos meses de setembro, outubro e novembro e o desconto de um dia de quem não é filiado ao sindicato, com objetivo de sustentar a campanha salarial de 94 e a campanha contra a privatização.

Cadê o ouro

O Brasil produziu 75,7 toneladas de ouro no ano passado. Estes dados revelados pela Companhia Real Metais coloca uma pergunta para todos os brasileiros: para onde foi esta riqueza produzida? O brilho do ouro contrasta com a escuridão da fome.

Produção dependente

Dentro do plano de privatização do setor elétrico o governo já tem pronta a minuta do decreto que autoriza a produção independente de energia. Esta seria, no entender do governo, uma maneira de incentivar a competição na área. O decreto prevê a venda preferencial de energia produzida pela iniciativa privada às concessionárias existentes. Competição que privilegia um setor, dando a ele mercado garantido, certamente não é competição. Tem outro nome.

Encontro dos demitidos

Dias 15 e 16 de agosto acontece em Brasília o Encontro Nacional dos Demitidos nas estatais e serviços públicos. Eles querem retomar o processo de pressão e mobilização a nível nacional e fortalecer a luta política pelas suas readmissões.

Segue o inquérito civil da inadimplência

Os empregados da Celesc estão esperando com curiosidade o depoimento do diretor financeiro da empresa, Antonio Carlos Vieira, ao promotor que instaurou um inquérito civil público para investigar porque a empresa não cobra a conta de luz das grandes empresas e nem corta o fornecimento de energia elétrica dos grandes consumidores.

Arno Cugnier, diretor do Sinergia, depôs na semana passada, com ampla cobertura da imprensa. Segundo o promotor Raulino Bru-

ning, responsável pelo inquérito, se a Celesc não tomar providências, "pedirei cobrança via judicial". Cugnier disse no seu depoimento que o calote dos grandes consumidores compromete o funcionamento da empresa que assim não investe no sistema.

Quem sabe agora o Ministério Público consiga as explicações que há muito tempo a Intercel vem exigindo aos diretores da Celesc.

VII Enel define pauta nacional

Estará acontecendo neste final de semana em Brasília o VII Enel - Encontro Nacional dos Eletricitários, que vai definir as bases para a campanha unificada do setor elétrico deste ano. A principal tarefa do Enel é preparar apauta unificada nacional, que será apresentada à Eletrobrás.

O Enel é um momento importante da luta dos eletricitários desde que foi iniciado o pro-

cesso de negociação coletiva dos trabalhadores de todas as empresas do setor elétrico federal. Com participantes de todos os estados, o encontro é um verdadeiro cruzamento de informações e dados sobre a situação dos eletricitários.

De Santa Catarina, saiu um ônibus com delegados de várias regiões do estado.

Editais de Convocação

Eleição de Representante Sindical

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis - Sinergia, no uso de suas atribuições, mediante decisão do Conselho Deliberativo, convoca os associados da entidade para ELEIÇÃO DE REPRESENTANTE SINDICAL, a ser realizada no dia-17 de agosto, na Celesc e Eletrosul, nos termos das normas baixadas pelo Conselho Deliberativo do Sindicato.

Serão eleitos representantes na Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. - Celesc e na Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A.- Eletrosul, por número de empregados e por local de trabalho, nos termos do Estatuto da entidade, como segue:

1- Celesc - 17 eleitos: 4 para o edifício sede, 2 para a Agência Florianópolis, 1 para o Almoxarifado Central, 1 para subestações, 1 para Despacho de Carga, 1 para DVOM Florianópolis, 1 para Escritório de Tijucas, 1 para o CeFA, 1 para Biguaçu, 1 para Palhoça, 1 para Santo Amaro da Imperatriz, 1 para Usina Garcia e 1 para a Central de Atendimento;

2- Eletrosul - 10 eleitos: 6 para o edifício sede, 2 para o Sertão, 1 para UP Palhoça, 1 para UP Rogado.

Poderão ser candidatos os empregados da Eletrosul e da Celesc, associados até as respectivas datas-base daquelas empresas (1º de outubro/93 e 1º de novembro/93, respectivamente).

As inscrições de candidaturas serão feitas individualmente, no período de 18 de junho a 5 de agosto de 1993, na Sede do Sindicato, sita rua Lacerda Coutinho, nº 149 - Centro - Florianópolis, no horário das 8 às 12h e das 14 às 18h, mediante preenchimento de ficha de inscrição com uma foto 3X4. A lista dos candidatos será publicada na sede do Sindicato e divulgada nas empresas, no dia 9 de agosto de 1994. A eleição será realizada no dia 17 de agosto/94 na Eletrosul e na Celesc, através de urnas itinerantes e fixas.

A apuração acontecerá a partir das 18 horas do dia 17 de agosto/94, na sede do Sinergia. Os recursos para impugnação de candidatos deverão ser entregues na Secretaria do Sindicato, mediante protocolo, no dia 10 de agosto/94, através de requerimento justificativo do pedido. Os recursos para impugnação dos eleitos deverão ser entregues da mesma forma no período de 18 à 19 de agosto/94. Em caso de empate, o critério de desempate será primeiramente o tempo de sindicalização; persistindo o empate, o segundo critério será a idade, sendo eleito o mais velho.

Aposse dos eleitos será dia 22 de agosto/94, às 18 horas, na Sede do Sinergia.

Conselho Deliberativo do Sinergia.



O diretor do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp, Geraldo Lesbat Cavagnari Filho é certamente um dos intelectuais de esquerda que mais entendem do papel desempenhado pelas Forças Armadas na história do Brasil. Aos 59 anos, carrega a experiência dos anos na tropa (de 1956 a 68), da rotina como professor em duas escolas de aperfeiçoamento de militares e da atuação no Estado Maior das Forças Armadas. Em 86, levou suas idéias originais sobre os quartéis para um seminário sobre a questão militar na Argentina, ignorando uma proibição de seus superiores. Na volta, o coronel Cavagnari recebeu como "condecoração" dois dias de prisão domiciliar. Vendo impedida qualquer possibilidade de ascensão ao generalato, pediu sua transferência para a reserva e passou a lecionar na Unicamp.

Em 1990, fez comentários sobre a Guerra do Golfo para todas as redes de televisão, experiência que colocou à prova seu domínio de estratégia política e militar. Quatro anos depois, conta como troféus previsões sobre o desenrolar da guerra, acertadas em cheio. Sem filiação partidária, Cavagnari hoje colabora na elaboração da formulação da política de defesa e da política militar do Plano de Ação Governamental do candidato à Presidência do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. A entrevista a seguir foi outro exercício de análise dos movimentos dos países no jogo dos interesses nacionais, assim como a provável invasão do Haiti, o ressurgimento do nazismo e a tensão permanente do Oriente Médio.

Direitos Humanos: desculpa dos EUA para invadir o Haiti

Texto e fotos: Jacques Mick Especial para O Linha Viva

Qual a sua opinião a respeito da posição da ONU e dos países centrais em relação à guerra civil em Ruanda e na Bósnia?

A ONU intervém nessas situações de conflito para restabelecer a paz com uma força internacional de paz, normalmente composta por unidades militares daqueles países que querem concorrer para o restabelecimento da paz naquela região. Jogar uma força internacional de paz



numa área em que as partes beligerantes não respeitam a integridade dessa força, como em Ruanda, é loucura. Tem de haver um mínimo de garantia de que aquela força não deverá ser incomodada. Houve ameaças à força internacional de paz na Bósnia. Se viram acuadas por parte dos sérvios. A ordem internacional é administrada pelas grandes potências em função de seus interesses. Procuram transformar seus interesses vitais em interesses coletivos, para isso administram a agenda internacional: os direitos humanos, a não proliferação de armas nucleares, o meio ambiente. Não há dúvida que há interesse das grandes potências em manter uma estabilidade político-estratégica no mundo, de maneira que seus interesses não se vejam ameaçados. Caso isso ocorra, procuram costurar acordos que envolvam um grande contingente de outros países e procuram legitimar suas ações de maneira que possam intervir em nome da coletividade. Mas o interesse que está sendo preservado pode não ser o coletivo. Exemplo: a guerra do Golfo. Qual era o interesse coletivo? Um país membro da ONU foi invadido e ocupado, teve a sua soberania violada. Não se discute o mérito: se o Iraque tinha razão ou não. O argumento histórico não pode ser considerado válido porque, se fosse, o Brasil poderia daqui a alguns anos reivindicar a Banda Oriental da Província Cisplatina do Uruguai. Na guerra do Golfo, os EUA criaram fatos consumados, legitimados posteriormente pela ONU. Houve o ataque ao Iraque, resguardou-se os interesses das grandes potências em relação ao petróleo e o Iraque teve de aceitar uma paz imposta.

E na Bósnia?

Na Bósnia, os direitos humanos estão sendo desrespeitados e nenhuma grande

potência se aventurou a entrar lá. Por que? Primeiro, porque não existe um interesse vital lá ameaçado. Segundo, que uma guerra na Bósnia seria diferente da travada no Golfo Pérsico. Na guerra do Golfo, as possibilidades de uma guerra rápida e fulminante estavam presentes até pelas condições do próprio teatro de operações. Na Bósnia, não dá. Tem que se empregar pequenos efetivos em um terreno tão acidentado que dá condições para se empregar a guerrilha. Por isso nenhum país que ocupou a antiga Iugoslávia conseguiu efetivamente manter o controle do país. As tropas nazistas foram derrotadas pela guerrilha, com as forças de Tito. É o único caso na Europa. As grande potências não têm interesse de se envolver em um conflito prolongado porque poderiam perder o apoio da sociedade civil ou da opinião pública. E os direitos humanos? As grandes potências operam este tema de maneira diversa. No Haiti, qual é o motivo aparente de se intervir? Os direitos humanos. Mas qual o motivo real? É evitar que haitianos vão para Miami. É evitar que se desloquem grandes contingentes para um mercado de trabalho que está saturado de mão-de-obra desqualificada, como é o caso dos EUA. No caso da China, os EUA deixaram de exigir que viesse a respeitar os direitos humanos, tendo em vista resguardar um mercado potencial. A conduta dos Estados nas relações internacionais não está vinculada a nenhum tema ético.

Que regiões do planeta têm maior probabilidade de surgimento de conflitos mundiais e em que sentido a articulação de blocos econômicos colabora para tensionar o surgimento de novos conflitos ou para amenizá-los?

A área mais sensível hoje e que continuará por algum tempo ainda é a região do Oriente Médio e do Golfo Pérsico. Existem outras áreas que poderão tornar-se sensíveis. Por exemplo, a área do Cáucaso. Poderão surgir novos conflitos, além do que já surgiu na Geórgia, em relação à Armênia e Azerbaijão. Outra área envolve o Pacífico Ocidental, onde está a península coreana. Estas áreas são sensíveis em termos político-estratégicos. Existem outras que são sensíveis, como é o caso de parte da África negra, porque são países que estão se mostrando inviáveis como Estados independentes, de ter uma autonomia, gerir uma economia, de maneira que ela crie uma certa prosperidade, ou que haja uma certa governabilidade. Por exemplo, Ruanda, Somália, Angola. São lutas internas. Não há o dedo de nenhuma grande potência estimulando aquele conflito. Ao contrário, as grandes potências querem que

aqueles conflitos não ocorram e que haja uma tranquilidade nessas regiões. Considerando essas áreas, diríamos que grande parte do mundo é uma área de tranquilidade. Eu diria que área de tranquilidade só existe uma no mundo hoje, em termos político estratégicos e político institucionais. É o hemisfério ocidental, desde o Canadá até a Patagônia. Esta é a área mais tranqüila do mundo.

Incluindo Haiti e Panamá?

Apesar disso. Porque nenhum país da região se sentiu ameaçado, apesar desses conflitos.

O surgimento de novos conflitos envolvendo raça e intolerância nas nações centrais não pode ser um novo foco de conflitos mundiais?

Um dos perigos que nós observamos hoje é o reaparecimento do nazifascismo numa área que praticamente se julgava que estaria livre de todos os conflitos, a Europa pacificada, que permaneceu estável durante todo o período da guerra fria. Esperava-se que tudo isso estivesse enterrado, todas aquelas hostilidades históricas, rivalidades. O ressurgimento dos antigos conflitos étnicos e raciais é o reaparecimento de propostas que foram julgadas e condenadas pela segunda guerra mundial - a proposta nazifascista. Isso quer dizer que a Europa é uma das áreas ameaçadas internamente com o surgimento desses movimentos em três países - a Alemanha, a França e a Itália.

Quem tenta explicar o ressurgimento do nazismo aponta-o como consequência da crise econômica mundial e do aumento do desemprego na Europa. Isso não pode levar a um acirramento mais radical da relação Norte e Sul?

Dizer que vai levar a isso é difícil. Agora, a bandeira que eles levantam é a da proteção do emprego. Não é somente a de criar mais empregos, é a de proteger o emprego que existe. É claro que para proteger o emprego que existe você tem que repelir o concurso de quem

não é nacional, daqueles que pressionam as fronteiras nacionais, normalmente migrações que vêm do terceiro mundo. Essas são as vítimas do nazifascismo. Mas as causas do crescimento do movimento não decorrem só disso. Decorrem de que eles têm a intenção de vir a ser poder. Como já foram na década de 20 na Itália e a partir da década de 30 na Alemanha. O combate aos cidadãos de outros países ou etnias que trabalham nesses mercados - por exemplo os turcos na Alemanha e os argelinos e árabes na França - é apenas um apelo em torno de uma bandeira visível que é o desemprego. Mas não quer dizer que eles vão ficar só nisso. Eles querem ver crescer o movimento e querem vir a ser poder.



TRIBUNA LIVRE

Qualidade

Arno Cugnier
Diretor do Sinergia

Se formos buscar nos dicionários, essa palavra expressa "atributo, dom", uma sensação que cada um de nós procuramos, portanto, embute um valor universal. No entanto, várias pessoas tomam posse desse valor e como uma cortina de fumaça, escondem sua essência de lucratividade que tentam obter: a idéia do enriquecimento rápido, não se importando com os meios que utilizam. Aliam outra palavra - "total" - e transformam "qualidade total" na chave que abrirá as portas para o sucesso.

A organização e estrutura de uma empresa deve ser planejada como intuito de termos qualidade nos serviços/produtos, porém considerando as pessoas que dela participam e o trabalho que executam. Aprender sobre essa "teoria" é uma necessidade no mundo de hoje. Fazer a crítica à ela também é necessário; caso contrário, faremos um voo cego que poderá não ter saída.

Em empresas estatais como a Celesc e Eletrosul, a aplicação da Qualidade Total poderá trazer mais frustrações do que melhorias na instrumentalização organizacional. Considerando como produto o KWh, verificamos que pode não ser possível melhorar sua qualidade, pois é igual em todo o mundo. O que pode ser melhorado é a conservação de energia, barateamento na geração, diminuição dos impactos ambientais e os serviços de operação, manutenção e atendimento aos consumidores. Aumentar a confiabilidade do sistema elétrico com o fornecimento firme no nível de tensão adequado.

Fazer isso é preciso, fundamentalmente, investir em conhecimento, adequando o trabalhador tanto na teoria como na prática. Considerá-lo a essência da qualidade da energia que estas empresas irão fornecer.

A adoção pura e simples do que ensinam sobre Qualidade Total deve ser afastada. Deter o conhecimento sobre o tema é necessário para discutir e aprofundar e, depois, decidir pela posição que deve tomar.

A idéia de QT nasceu nos EUA e se espalhou com formas diversas. No Japão TQC - Qualidade Total via Controle. Nos EUA TQM - Qualidade Total via Gerência. Na Europa uma forma mista.

Na Eletrosul os cursos vêm sendo feitos há mais tempo que na Celesc. Pessoas que já o fizeram procuraram o sindicato para discutir o assunto, porque pode repercutir muito no seu trabalho. Já vivenciamos na Celesc a forma mista com a Diretoria Paralela, Comissões Mistas e os CCQs. Na época sentimos, com algumas excessões, como não deve ser usada, principalmente no que tange a representações dos trabalhadores. Queriam substituir sua representação autônoma (sindicatos) pela estrutura vinculada, pois assim aprenderam na Europa.

Adotam discursos liberais, apontando esta saída para a crise do capitalismo, que eles próprios criaram. Criam bolsões de desenvolvimento e riqueza que ficam cercados por uma enorme miséria.

Faço estas observações para que os trabalhadores da Eletrosul e da Celesc discutam o assunto e que a qualidade que queremos esteja aliada à qualidade do trabalho que executamos, mas do ponto de vista do trabalhador, tendo como base o desenvolvimento com distribuição de renda e aumento do número de empregos.

EXPEDIENTE
Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glaucio C. Marq. e Luiz Cezare Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 5166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.



Americanos também temem neoliberalismo

Programação de cinema

Esta é a programação de cinema do centro Integrado de Cultura e do ART7. Nas duas salas, os eletricitários têm direito a meia entrada com a apresentação da carteira do sindicato, conforme convênio.

CIC

Dias 4 e 5 de agosto
20h 30min - Na Roda da Fortuna

Dias 6 e 7 de agosto
19 horas - Na Roda da Fortuna

21 horas - Tão Longe e Tão Perto

De 9 a 11 de agosto
20h 30min - Tão Longe e Tão Perto

ART 7

Dias 4 e 5 de agosto
19 horas - Jardim Secreto

21 horas - Dossiê Pelicano

Dias 6 e 7 de agosto
17 horas - Jardim Secreto

19 horas - Jardim Secreto

21 horas - Dossiê Pelicano

De 8 a 11 de agosto
19 horas - Jardim Secreto

21 horas - Dossiê Pelicano

Quem diria! Nem os trabalhadores norte-americanos podem ouvir falar em neoliberalismo, apesar do seu país ser o mais ardoroso defensor desta prática econômica.

Esta foi a agradável constatação feita por Delman Ferreira, diretor do Sinergia e da coordenação do Comando Nacional dos Eletricitários, que esteve em Washington entre 24 e 28 de julho, à convite do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Além de participar do seminário sobre "Manutenção de Infraestrutura Básica" promovido pelo banco, Delman cumpriu uma agenda organizada pela CUT que o pôs em contato com sindicalistas do setor urbanitário dos Estados Unidos e com dirigentes sindicais da América Central, reunidos na capital norte-americana para discutir as implicações do Nafta nas relações trabalhistas daqueles países (apesar de ser um acordo entre EUA-México e Canadá ele influencia toda a região).

Nas visitas que fez à central sindical AFL-CIO e ao sindicato nacional dos urbanitários IBEW, Delman descobriu que a política neoliberal de privatizar tudo, ou "desregular" como chamam por lá, implantada na época Reagan, pôs os trabalhadores sob uma ameaça violenta de demissões no setor de energia e um grande tarifaço para os consumidores domésticos (enquanto que o ramo industrial continua com tarifas menores).

"O sindicato nacional percebeu que tinha um grande poder nas mãos: alertar a população sobre o

aumento das tarifas, conseguindo aliados para a sua causa. Perceberam que precisavam ter uma nova relação com a comunidade. Aí falei da nossa concepção de Sindicato Cidadão e eles ficaram surpresos de saber que aqui já estávamos pensando nisto há muito tempo. Em função disto me convidaram para um congresso, em 95 para debater o assunto. Como nós, eles querem discutir a responsabilidade do eletricitário com a sociedade, com a qualidade de energia gerada, com o preço das tarifas, com a confiabilidade do sistema".

O que os neoliberais norte-americanos não esperavam é que, no setor elétrico, a própria iniciativa privada fosse contrária à desregulamentação. "Lá o governo está tendo dificuldades porque a área privada tem o monopólio da geração e transmissão em pequenas regiões. Eles estão estabelecidos e têm medo de perder este monopólio. Por isto o governo dos EUA está dando incentivos para as empresas privadas de energia que se instalem no exterior. Esta foi a forma de garantir que não haverá demissões no setor, calculadas em 20%".

O inimigo comum

No painel sobre Energia, do seminário do BID, o grande debate se estabeleceu com o representante do Banco Mundial (BIRD), Luiz Gutierrez. Participavam da mesa além de Delman, um espanhol que defendia a geração alternativa e um representante da Colômbia.

Na radiografia sobre o setor elétrico na América Latina do Banco Mundial a ênfase foi para

as perdas de energia, má qualidade dos equipamentos, falta de manutenção do setor e consumo clandestino. A grande preocupação do seu banco, disse Gutierrez é com a produtividade e eficiência, por isto defendem o setor privado, o único, entendem eles, capaz de conseguir competitividade no setor elétrico.

Delman mostrou o simplismo da análise do BIRD. "Entendemos que a América Latina é díspar, sendo assim é irracional implantar o mesmo modelo para toda região como tenta o Banco Mundial. Temos o Brasil, com geração de energia quase totalmente hidrelétrica e de outro lado países com geração completamente térmica. No Brasil temos um ótimo nível de qualidade e confiabilidade, mas em contrapartida, há outros países onde o setor está debilitado. O modelo do BIRD no Brasil só agrava as desigualdades regionais do país. A venda de ativos para o setor privado no caso brasileiro, fará com que recursos se concentrem na compra de usinas e instalações já amortizadas ao invés de encontrar investimentos que ampliem o sistema".

Gutierrez apesar de concordar com esta análise foi taxativo, e chegou a dizer textualmente que a privatização do setor elétrico brasileiro deverá atingir todo o sistema, com exceção da transmissão, e que será acelerada nos próximos meses. E, finalizou afirmando que o Banco Mundial agora só empresta dinheiro com a garantia de que o controle do empreendimento será privado.